

J E F F   Z E N T N E R

*Dias de  
despedida*

Tradução

GUILHERME MIRANDA

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2017 by Jeff Zentner

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Goodbye Days

CAPA E ILUSTRAÇÕES Sarkis

PREPARAÇÃO Adriane Piscitelli

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Érica Borges Correa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Graudin, Ryan

Dias de despedida / Jeff Zentner ; tradução  
Guilherme Miranda. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte,  
2017.

Título original: Goodbye Days.  
ISBN 978-85-5534-063-5

1. Ficção juvenil I. Título.

17-08010

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinte



editoraseguinteoficial

*Para minha bela Sara.  
Minha cor das nuvens de inverno à noite.  
Meu ideal de música triste.*

*A morte rouba tudo menos as nossas histórias.*  
— Jim Harrison

# UM

Dependendo de quem — quer dizer, *para* quem — você perguntar, eu posso ter matado meus três melhores amigos.

Se perguntar para a avó de Blake Lloyd, a vovó Betsy, provavelmente ela diria que não. Isso porque, quando me viu pela primeira vez hoje, ela me deu um grande abraço entre lágrimas e sussurrou no meu ouvido: “Você não é responsável por isso, Carver Briggs. Deus sabe e eu também”. E a vovó Betsy costuma dizer o que pensa. Então é o que ela pensa de verdade.

Se perguntar para os pais de Eli Bauer, dr. Pierce Bauer e dra. Melissa Rubin-Bauer, acho que eles diriam talvez. Quando os vi hoje, os dois me encararam e apertaram minha mão. No rosto deles, vi mais luto do que raiva. Senti a desolação pela fraqueza dos apertos de mão. E desconfio que parte desse cansaço seja pela incerteza sobre me considerar ou não responsável de alguma forma por sua perda. Então eles resolveram considerar um talvez. A filha deles, Adair? Irmã gêmea de Eli? Éramos amigos. Não tão amigos como eu e Eli, mas éramos. Eu diria que a opinião dela é “com certeza”, isso pelo jeito como ela me encarou, como se desejasse que eu também estivesse no carro. Ela me olhava exatamente assim agora há pouco, enquanto conversava com alguns dos nossos colegas de turma que foram ao velório.

Então temos o juiz Frederick Edwards e sua ex-mulher, Cynthia Edwards. Se perguntar para eles se matei seu filho, Thurgood Marshall “Mars” Edwards, acho que ouviria um firme “provavelmente”. Quando vi o juiz Edwards hoje, ele se assomou diante de mim, vestido de maneira impecável, como sempre. Nenhum de nós falou por um tempo. O ar entre nós parecia duro e áspero como pedra.

— É bom ver o senhor — eu disse, finalmente, e estendi minha mão suada.

— Nada disso é bom — ele respondeu com sua voz imperiosa, tensionando os músculos do maxilar, olhando para mim de cima. Além de mim. Como se pensasse que pudesse se convencer da minha insignificância, se convencer de que eu não tive nada a ver com a morte de seu filho. Ele apertou minha mão como se fosse uma obrigação e a única maneira que tinha de me ferir.

Por fim, tem eu. Eu diria que definitivamente matei meus três melhores amigos.

Não de propósito. Tenho quase certeza de que ninguém acha que fiz isso de propósito; que entrei debaixo do carro na calada da noite e cortei as linhas de freio. Não, a cruel ironia para mim, como escritor, é a seguinte: eu escrevi a morte deles. **Cadê vocês? Me respondam.** Não é uma mensagem de texto especialmente boa ou criativa. Mas encontraram o celular do Mars (Mars estava dirigindo) com uma mensagem pela metade, respondendo como pedi. Tudo indica que era isso que ele estava fazendo, a mais de cento e dez quilômetros por hora, quando bateu na traseira de um caminhão parado na estrada. O carro entrou embaixo do reboque, e teve a capota arrancada.

Se tenho certeza de que foi minha mensagem a desencadeadora da série de acontecimentos que culminou na morte dos meus amigos? Não. Mas quase.

Estou entorpecido. Vazio. Ainda não cheguei ao auge da dor ardente e retumbante que certamente me aguarda nos próximos dias. É como aquela vez em que eu estava cortando cebola para ajudar minha mãe na cozinha. A faca escorregou e cortei minha mão. Houve uma pausa no meu cérebro, como se meu corpo precisasse entender que eu tinha me cortado. Eu sabia duas coisas naquele momento: 1) senti apenas um golpe rápido e um latejar incômodo. Mas a dor estava vindo. E como estava. E 2) eu sabia que, em um segundo ou dois, estava prestes a chover sangue em cima da tábua de bambu favorita da minha mãe (sim, as pessoas podem formar laços emocionais profundos com tábuas de corte; não, não entendo, então nem pergunte).

Então fico sentado no velório de Blake Lloyd e espero a dor. Espero começar a sangrar por todo canto.

## DOIS

Aos dezessete anos, já sou um especialista em velórios.

O plano era terminarmos nosso último ano do ensino médio na Academia de Artes de Nashville. Então Eli iria para a Faculdade de Música de Berklee estudar violão. Blake, para Los Angeles, estudar comédia e roteiro. Mars ainda não tinha decidido para onde ir, mas sabia o *que* queria fazer: ilustração de quadrinhos. E eu iria para Sewanee ou Emory estudar escrita criativa.

O plano *não* era: eu esperando o velório do terceiro membro da Trupe do Molho começar. Ontem foi o velório do Mars. Antontem, o do Eli.

O velório de Blake é na igreja batista branca que ele frequentava — uma das cerca de 37 567 igrejazinhas batistas brancas na região metropolitana de Nashville. O lugar tem cheiro de biscoito de maisena, cola e carpete velho. Tem desenhos de Jesus parecendo um pirulito barbudo, entregando peixes azuis e verdes para uma multidão de bonequinhos de palito, todos feitos de giz de cera. O ar-condicionado não funciona bem para o calor do começo de agosto, e estou suando num terno azul-marinho que minha irmã Georgia me ajudou a escolher. Ou melhor, Georgia escolheu para mim enquanto eu ficava parado, zozzo. Saí do estupor por um breve momento para expressar que achava que deveria comprar um



terno preto. Georgia explicou gentilmente que azul-marinho era aceitável e que eu poderia usá-lo depois do velório. Ela sempre se esquecia de dizer *velórios*. Ou talvez não dissesse de propósito.

Sento no fundo da igreja, com a testa encostada no banco diante de mim. Observo a ponta da minha gravata balançar para a frente e para trás, e me pergunto como os humanos chegaram a um ponto em que dizemos: “Opa. Espere aí. Para eu levar você a sério, você tem de usar em volta do pescoço uma faixa de tecido colorido com uma ponta estreita”. O carpete é azul com manchas brancas. Fico pensando em quem desenha carpetes. Quem tem esse tipo de vocação. Quem diz: “Não, não! Ainda não está perfeito! Precisa de... manchas brancas! E agora minha obra-prima está completa!”. Reflito sobre isso porque a certeza do absurdo do mundo é uma das poucas coisas que conseguem me distrair, e preciso muito de distrações agora.

Minha testa dói de apoiar na madeira dura e lisa. Tomara que pareça que estou rezando. Deve ser o tipo de coisa certa a se fazer em igrejas/ velórios. Além disso, me poupa de ter conversas vazias (algo que, na melhor das hipóteses, eu desprezo) com as pessoas que criam um zumbido triste e sussurrado ao meu redor, um enxame de gafanhotos enlutados. *Que terrível... Uma perda e tanto... Ele era tão jovem... Ele era tão engraçado... Era... Era... Era.* As pessoas se abrigam em clichês. A linguagem já é impotente o bastante diante da morte. Acho que é pedir demais para as pessoas se esquivarem de frases prontas nessas circunstâncias.

Tem uma multidão enorme. A família estendida de Blake do leste do Tennessee. O pessoal da igreja do Blake. Amigos do trabalho da vovó Betsy. Um monte de colegas nossos da Academia de Artes de Nashville. Eu me dou bem com a maioria deles, mas eles não são meus amigos. Alguns passam por mim e expressam rapidamente seus pêsames antes de seguir, mas quase todos me deixam

em paz, e fico grato por isso. Quer dizer, fico grato se estiverem me deixando em paz por compaixão e não porque Adair já os convenceu de que sou um assassino.

Ouçõ um ruído ao meu lado, o acolchoado do banco sendo pressionado, um calor e depois o perfume ensolarado de madressilva. Se há alguma fragrância que se opõe à morte, é madressilva.

— Oi, Carver.

Ergo os olhos. É Jesmyn Holder, a namorada de Eli. Ex-namorada? Eles nunca chegaram a terminar. Acho que fazia uns dois meses que estavam juntos. Ela está com olheiras fundas. A tristeza cobre seu rosto como um véu.

— Oi, Jesmyn.

— Posso sentar aqui?

— Claro. — *Pelo menos existe uma futura colega de classe que Adair ainda não convenceu.*

— Acho que já sentei.

— Dizem que é mais fácil pedir perdão do que permissão.

— Você está sozinho? — Jesmyn pergunta. — Nos outros dois, você estava com uma menina.

— Era minha irmã, Georgia. Ela teve que trabalhar hoje. Desculpa não termos conversado nos outros dois velórios.

— Eu não estava muito a fim de conversar.

— Nem eu. — Puxo o colarinho. — Está superquente aqui, né? — Em geral, prefiro levar uma mordida de um dragão-de-komodo no saco a conversar sobre o tempo. Mas às vezes a gente precisa fazer esse tipo de coisa.

— Sim, mas meus genes filipinos estão lidando bem com isso — Jesmyn diz.

Ficamos em silêncio por um momento enquanto ela examina a multidão.

— Reconheço muitas das pessoas daqui dos outros dois.

Ergo um pouco a cabeça.

— Algumas são da AAN. Você ainda pretende estudar lá?

— Claro. Você não pensou que eu estava indo só por causa do Eli, né?

— Não. Quer dizer, sei lá. Não.

— Duas meninas da AAN entraram no programa de piano da Juilliard ano passado. É uma porcentagem enorme. Foi por isso que decidi vir, antes mesmo de conhecer o Eli.

— Que bom que vai mesmo assim. Não quis dizer nada.

— Tudo bem. Enfim, parece um assunto estranho para conversar agora.

— Tudo parece estranho para conversar agora.

— Pois é.

Na frente do salão, a vovó Betsy anda, aos prantos, até o caixão de cedro do Blake para passar a mão na superfície lisa da madeira mais uma vez antes da cerimônia começar. Fiz isso antes de sentar. O cheiro de cedro. Forte e limpo. Não tinha cheiro de algo que deveria ser enterrado a sete palmos. Estava fechado. Ninguém deixa as pessoas verem como alguém fica depois de algo como o Acidente. Por isso, em cima da tampa do caixão, em um pedestal de madeira, há uma foto do Blake. Ele está ridículo na foto de propósito. É um retrato profissional, tirado no estúdio Olan Mills ou Sears ou algum do tipo. Ele está com uma blusa dos anos 1980 comprada em um brechó e uma calça cáqui plissada. Está segurando um enorme gato persa com cara de poucos amigos. Ele não tinha nenhum gato. Pegou emprestado só para a foto. Típico do Blake. Um sorriso sincero e radiante cobre seu rosto redondo. Seus olhos estão fechados como se piscasse. Ele achava fotos em que as pessoas saíam piscando muito engraçadas.

Não pude deixar de sorrir quando a vi. Mesmo sob aquelas circunstâncias. Bastava o Blake aparecer onde eu estava que eu começava a rir de antemão.

— Por que você não veio com os seus pais? — Jesmyn pergunta, arrancando-me da minha memória.

— Eles estão na Itália comemorando vinte e cinco anos de casados. Tentaram vir, mas tiveram problemas para comprar as passagens e meu pai teve que lidar com o sumiço de um passaporte. Eles chegam amanhã.

— Que droga.

— Por que não está sentada com os pais do Eli?

Jesmyn cruza as pernas e tira um fiapo do vestido preto.

— Eu estava. Mas a Adair estava me passando uma energia bastante desagradável. Daí vi você aqui com essa cara de solitário.

— Vai ver é a minha cara de sempre.

Ela tira um cacho de seu cabelo preto-avermelhado da frente do rosto. Sinto o cheiro do seu xampu.

— Imagina que vergonha se eu viesse aqui para ser gentil e você não quisesse.

— Adair não vai ficar nada feliz com você sendo gentil comigo.

— É, bem, acho que a vida é feita de riscos.

Esfrego os olhos. Minha exaustão está começando a se manifestar. Não dormi mais do que algumas horas nos últimos três dias. Viro para Jesmyn.

— Você conversou com os pais do Eli ou com a Adair depois do acidente? — Enquanto pergunto, percebo que não faço ideia de qual é a opinião de Jesmyn sobre o caso todo da culpa. A privação de sono diminuiu minhas inibições a ponto de eu fazer perguntas que podem levar a respostas que não estou preparado para ouvir.

Ela abre a boca para responder, mas a cerimônia começa. Abaixamos a cabeça enquanto o pastor de Blake reza e depois cita palavras de conforto dos evangelhos. Isso me lembra mais o imenso velório de Mars na igreja metodista africana New Bethel do que

a cerimônia particular e modesta de Eli na funerária dos irmãos Connelly. Os pais de Eli são ateus e aquele foi o primeiro velório no qual estive que não fez nenhuma menção a Deus. Dezesete anos e a envergadura da minha experiência funerária deve se equiparar a de pessoas com o dobro da minha idade.

Seis membros do coral da Academia de Artes de Nashville apresentam um réquiem. Eles fizeram o mesmo nas cerimônias de Mars e Eli. Lágrimas escorrem pelo rosto de Jesmyn como um atlas fluvial. Ela segura um lenço de papel enrolado e seca os olhos e o nariz, olhando fixamente para a frente. Não entendo por que não estou chorando. Era para eu estar chorando. Vai ver é como quando às vezes fica tão frio que nem nevar neva.

Um dos tios de Blake lê a Primeira Epístola aos Tessalonicenses 4,14-7 com seu forte sotaque do leste do Tennessee. Suas mãos grandes tremem. Sua voz hesita. *Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Jesus, Deus há de levá-los em sua companhia. Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos aqui para a Vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares. E assim, estaremos para sempre com o Senhor.*

Uma mosca pousa na minha frente e esfrega as patas traseiras. Esta mosca está viva e Blake está morto. O mundo é cheio de vida vibrante pulsando. Exceto pela caixa de madeira na frente do salão. Lá tudo está parado. E o que causou essa imobilidade foi a atividade mais banal e rotineira da minha parte. Mandar mensagem para os meus amigos. O equivalente humano a uma mosca esfregar as patas traseiras. É apenas algo que *fazemos*. Sem a intenção de matar seus três melhores amigos.

A vovó Betsy sobe mancando ao púlpito para prestar sua homenagem. Ela tem problema no joelho. Demora um longo tempo para se recompor antes de falar. Suas mãos estão vazias, como se planejasse dizer tudo o que estava em seu coração. A expressão em seu rosto diz que há coisas demais para se escolher.

Procuro não respirar demais ou muito alto no silêncio. Sinto a boca seca e uma dor de cabeça crescendo no fundo do meu crânio. Minha garganta dói como se tivesse algo preso ali. O muro precário que construí — que todos construímos para proteger os outros de suportar o espetáculo de nosso luto — está começando a ruir.

Vovó Betsy limpa a garganta e diz:

— A vida de Blake não foi fácil. Mas ele viveu com alegria. Amava sua família. Amava seus amigos. E era amado por eles.

O muro cai, liberando o mar cinza revoltado que ele continha. Coloco a cabeça entre as mãos e apoio os cotovelos nos joelhos. Aperto a palma das mãos contra os olhos e as lágrimas escorrem quentes por elas. Estou tremendo. Sinto a mão de Jesmyn no meu ombro. Pelo menos a dor na minha garganta passou, como se eu tivesse estourado um abscesso cheio de lágrimas.

— Blake era engraçado — vovó Betsy diz. — Se vocês o conheceram, ele com certeza fez vocês rirem em algum momento.

As lágrimas escorrem pelos meus punhos e molham as mangas da minha camisa. Pingam no carpete azul com manchas brancas. Penso por um segundo em todos os lugares que transformei numa pequena parte de mim. Agora um pedacinho desta igreja contém minhas lágrimas. Depois que eu morrer, eles podem recortar o carpete e extrair meu DNA das lágrimas que derramei ali e me ressuscitar. Talvez seja assim que a ressurreição vai ser.

— Pensem nele todas as vezes em que alguém fizer vocês rirem. Pensem nele todas as vezes em que vocês fizerem alguém rir. Pensem nele todas as vezes em que ouvirem uma gargalhada.

Faço uma inspiração funda que me faz sentir trancos e calafrios quando o ar entra nos meus pulmões. Deve ter sido alta demais, mas não me importo. Sentei no fundo da igreja por um motivo. Pelo menos não senti ninguém virando para me encarar.

— Mal posso esperar pelo dia em que o verei de novo e darei um abraço nele. Até lá, sei que ele está sentado aos pés do nosso Salvador. — Ela faz uma pausa para se recompor antes de completar: — E ele com certeza está fazendo Jesus rir também. Obrigada a todos por virem. Isso significaria muito para o Blake.

O velório termina. Me levanto para ajudar a carregar o caixão. Não me convidaram para carregar o caixão do Mars nem do Eli.

Jesmyn ergue o braço e toca minha mão.

— Ei, quer uma carona pro cemitério?

Aceno com a cabeça, grato, voltando a mim, como se estivesse acordando de um daqueles pesadelos em que você chora até encharcar o travesseiro. É uma tristeza brutal, disforme, enlouquecida no absurdo dos sonhos. Você acorda e não lembra a razão de estar chorando. Ou lembra e estava chorando porque recebeu uma chance de se redimir. Então, quando percebe que era apenas um pesadelo, continua chorando porque sua chance de redenção é mais uma coisa que você perdeu. E você está cansado de perder coisas.

Ajudo a carregar o caixão de Blake até o carro funerário. Pesa uns mil quilos. Um professor de ciências uma vez perguntou para a gente: “O que pesa mais, um quilo de penas ou um quilo de chumbo?”. Todo mundo respondeu chumbo. Mas algumas dezenas de quilos de melhor amigo em um caixão não pesam o mesmo que algumas dezenas de quilos de chumbo ou de penas. Pesam muito mais.

É uma caminhada curta da frente da igreja até o carro funerário à espera, mas, no calor da tarde abafada, chego ensopado à velha picape Nissan de Jesmyn.

— Desculpa, meu ar-condicionado não está funcionando — ela diz, tirando libretos de piano do banco do passageiro.

— Você não morre de calor toda vez que vai a algum lugar?

— Essa é a melhor maneira de me perguntar isso?

— Você não sofre extremo desconforto mas não uma morte literal toda vez que vai a algum lugar? — Entro e abro a janela.

Fazemos o resto da viagem sem dizer nada, com o ar abafado banhando nossos rostos. Minhas bochechas parecem raspadas pelo sal seco.

Quando estamos a alguns quarteirões do cemitério, Jesmyn pergunta:

— Você está bem?

— Sim — Minto.

Alguns segundos depois:

— Não.